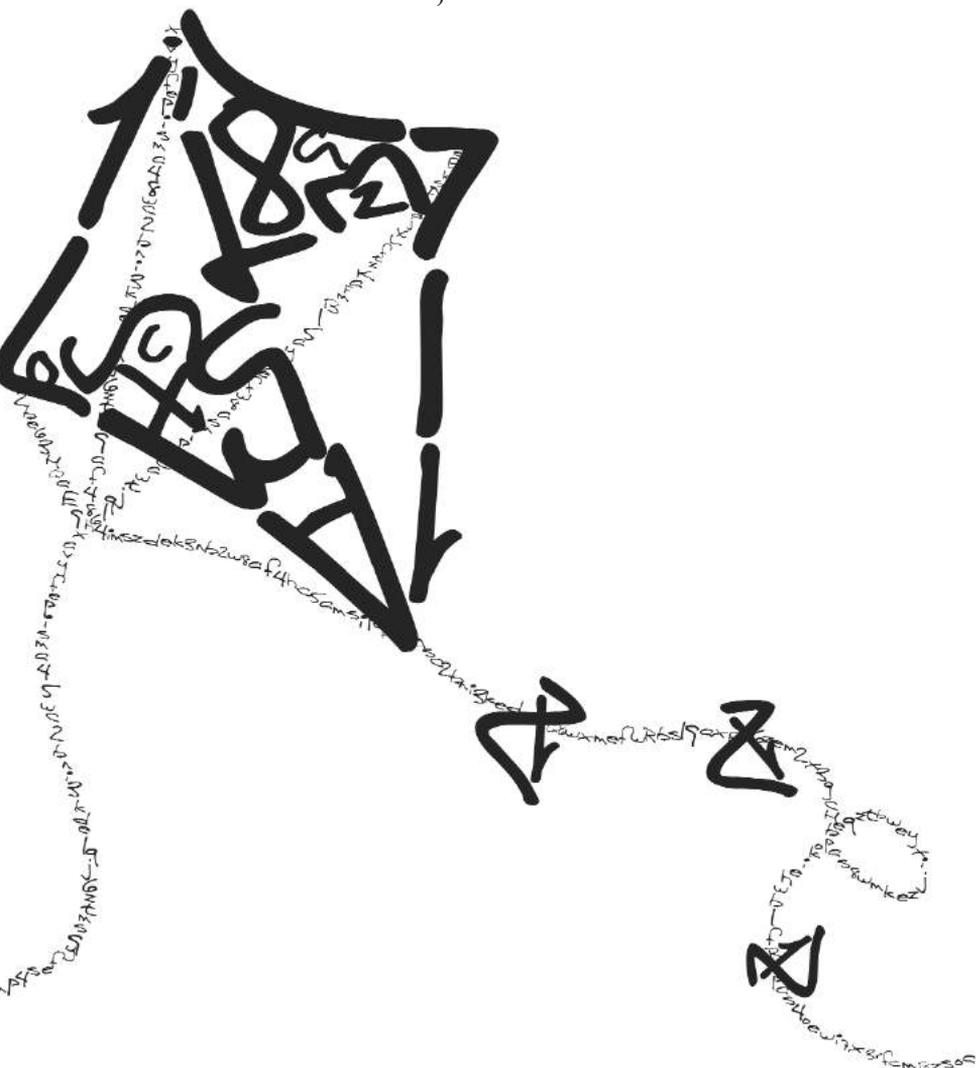


Caderno do Professor

## AS RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA: MITOS E PERSPECTIVAS

Roxane Rojo



**Reitor da UFMG** Ronaldo Tadêu Pena  
**Vice-reitora da UFMG** Heloísa Maria Murgel Starling

**Pró-reitora de Extensão** Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben  
**Pró-reitora Adjunta de Extensão** Paula Cambraia de Mendonça Vianna

**Diretora da FaE** Antônia Vitória Soares Aranha  
**Vice-diretor da FaE** Orlando Gomes de Aguiar Júnior

**Diretor do Ceale** Antônio Augusto Gomes Batista  
**Vice-diretora** Ceris Ribas da Silva

O Ceale integra a Rede Nacional de Centros de Formação Continuada do Ministério da Educação.

Presidência da República | Ministério da Educação | Secretaria de Educação Básica  
Departamento de Políticas da Educação Infantil e Ensino Fundamental  
Coordenadoria Geral de Política de Formação

Caderno do Professor

# AS RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA: MITOS E PERSPECTIVAS

Roxane Rojo

**Ceale\*** Centro de alfabetização, leitura e escrita  
FaE / UFMG



R741r Rojo, Roxane.

As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas - caderno do professor / Roxane Rojo. - Belo Horizonte: Ceale, 2006.

60 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento)

ISBN: 85 - 99372 - 36-X

**Nota: As publicações desta coleção não são numeradas porque podem ser trabalhadas em diversas seqüências, de acordo com o projeto de formação.**

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 4. Escrita - Estudo e ensino. 5. Formação de professores. 5. Educação continuada. I. Título.

CDD - 372.4

Catálogo da Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG

---

## FICHA TÉCNICA

### Coordenação

Maria da Graça Costa Val

### Revisão

Maria da Graça Costa Val

Heliana Maria Brina Brandão

Ceres Leite Prado

### Leitor Crítico

Maria Zélia Versiani Machado

### Projeto Gráfico

Marco Severo

### Editoração Eletrônica

Patrícia De Michelis

### Ilustração de capa

Patrícia De Michelis

### Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha

CEP: 31.270-901 - Contatos - 31 34995333

[www.fae.ufmg.br/ceale](http://www.fae.ufmg.br/ceale) - [ceale@fae.ufmg.br](mailto:ceale@fae.ufmg.br)

**Direitos reservados ao Ministério da Educação (MEC) e ao Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale)**

Proibida a reprodução desta obra sem prévia autorização dos detentores dos direitos

Foi feito o depósito legal

# u | SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O SURGIMENTO DAS ESCRITAS	11
2. RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA - ALGUNS MITOS E PERSPECTIVAS	21
3. RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA - NOVAS PERSPECTIVAS	37
4. ORALIDADE E LETRAMENTOS MÚLTIPLOS - MÚTUA CONSTITUIÇÃO	45
APÊNDICE	51
REFERÊNCIAS	57



## U | INTRODUÇÃO

*Antes de existir computador  
Existia a TV  
Antes de existir TV  
Existia luz elétrica  
Antes de existir luz elétrica  
Existia bicicleta  
Antes de existir bicicleta  
Existia enciclopédia  
Antes de existir enciclopédia  
Existia alfabeto  
Antes de existir alfabeto  
Existia a voz  
Antes de existir a voz  
Existia o silêncio...  
o silêncio...*

*(Arnaldo Antunes, Moto Perpétuo)*

Como diz o poema/letra de Arnaldo Antunes em epígrafe, primeiro, existiu a voz. Todos os povos do mundo falamos, dispomos de linguagem oral. No entanto, nem todos os povos do mundo, ainda hoje, escrevem. Subsistem ainda algumas comunidades ágrafas, por exemplo, certos grupos indígenas do Brasil.

Como e por que surgiu a escrita? Que necessidades levaram os grupos humanos a deixar traços em superfícies concretas? Quais os primeiros grupos humanos a fazê-lo? Como chegamos ao alfabeto tal como o conhecemos hoje? Como a escrita evoluiu ao longo da

história da humanidade? Que finalidades ela cumpre hoje, nas complexas sociedades letradas pós-modernas? Neste processo, como se configuraram e se configuram hoje as relações entre a fala e a escrita?

Neste texto, as superfícies concretas – como a pedra, as paredes, o papiro, o papel – em que foram e são inscritos traços significativos, as *grafias*, serão chamadas de *suportes*.

Neste Caderno, discutiremos essas e outras questões ligadas às relações entre fala e escrita em nossa sociedade – a partir de diferentes perspectivas e buscando uma reflexão crítica sobre os muitos mitos que cercam essas relações –, com a finalidade de subsidiar o trabalho do professor com a língua em uso na sala de aula, em interações orais ou escritas.

Ao longo deste trabalho, objetivamos que o professor seja capaz de:

- u Refletir criticamente sobre alguns mitos e pré-conceitos que povoam o senso-comum sobre a linguagem oral, a linguagem escrita e suas relações;
- u Conhecer alguns momentos e aspectos da história do desenvolvimento das escritas na humanidade;
- u Compreender diferentes modos de pensar sobre as relações entre fala e escrita, entendendo seu foco de atenção principal;
- u Compreender a importância da situação de comunicação para a elaboração de textos orais e escritos e a escolha das modalidades de linguagem neles presentes;
- u Compreender a complexidade das relações entre diversas modalidades de linguagem, trazida pelas novas tecnologias da comunicação e da informação;
- u Perceber a necessidade de trabalhar em sala de aula, conjuntamente, todas essas modalidades de linguagem em relação;
- u Identificar as variedades e estilos de linguagem oral permitidas ou exigidas pelas circunstâncias sociais de textualização;
- u Identificar as variedades e estilos de linguagem escrita permitidas ou exigidas pelas circunstâncias sociais de textualização;

- u Aplicar esses conceitos e reflexões ao trabalho com os textos orais, escritos e multimodais em sala de aula.

Os textos *multimodais* são aqueles que utilizam diferentes modalidades de linguagem (grafismos, desenhos, imagens em movimento...). A *heterogeneidade* ou *hibridismo* das linguagens será chamada, neste Caderno, de *multimodalidade* ou *multimedialidade* e será relacionada com a necessidade de *letramentos múltiplos*.

Para concretizar os objetivos e desenvolver os temas propostos, este Caderno está organizado da seguinte forma:

- u 1ª seção: *O surgimento das escritas*, relata alguns momentos do aparecimento e desenvolvimento das escritas na história da humanidade e, a seguir, discute criticamente alguns mitos ou pré-conceitos que se estabelecem comumente, inclusive nas salas de aula, sobre essa forma de linguagem, buscando refletir sobre esse senso-comum, com especial ênfase na visão da *escrita como transcrição ou representação da fala*, muito presente em trabalhos sobre alfabetização;
- u 2ª seção: *Relações entre fala e escrita – alguns mitos e perspectivas*, apresenta e discute as primeiras perspectivas teóricas sobre as relações entre fala e escrita, na visão *dicotômica* que apresenta fala e escrita como modalidades distintas, centrada na busca das diferenças entre ambas;
- u 3ª seção: *Relações entre fala e escrita – novas perspectivas*, apresenta e discute perspectivas teóricas mais recentes e ainda em elaboração que enfatizam as características dos *gêneros e estilos discursivos*, inclusive a visão de *continuidade ou gradação* dos textos e gêneros textualizados mais à maneira da linguagem oral ou da linguagem escrita e a noção de *retextualização*;
- u 4ª e última seção: *Oralidade e letramentos múltiplos – mútua constituição*, com base na discussão das seções anteriores, explora as relações entre fala e escrita, tanto na alfabetização como nas diversas práticas de letramento, em especial nos usos formais e públicos da linguagem, em diversas mídias; enfatiza a importância do *contexto de produção* para a seleção dos gêneros e estilos, a *heterogeneidade ou o hibridismo* das linguagens nos diversos gêneros e o processo de constituição dos textos com mútua intervenção tanto da escrita como da fala e de outras linguagens; será, portanto, nessa seção, ressaltada a necessidade contemporânea de letramentos múltiplos, em diversas modalidades de linguagem, e serão tematizadas as possibilidades de aplicação destes conceitos explorados no trabalho do Caderno às situações e práticas de sala de aula.

A quarta seção explora também, com menor ênfase, outras modalidades de linguagem, como os gestos, os grafismos, a imagem estática e a imagem em movimento, ou seja, a *multimodalidade*.

## ATIVIDADE 1

---

1. Dê uma definição do que é a linguagem oral para você. Você acha que a linguagem oral é aprendida? Que ela deve ser ensinada na escola? Como?
2. Dê uma definição do que é a linguagem escrita para você. Você acha que as crianças podem desenvolver linguagem escrita fora da escola? Como?
3. Assinale com um X as afirmativas que considera corretas. Depois, discuta com seu grupo e seu formador as respostas que deu. Você também terá oportunidade de rediscutir essas respostas ao longo deste Caderno e de revisá-las ao final.
  - ( ) A escrita transcreve os sons da fala.
  - ( ) O desenho antecede a escrita no desenvolvimento infantil.
  - ( ) Num ditado, é muito importante pronunciar “certinho” as palavras, para que a criança possa transcrevê-las.
  - ( ) Os povos que não dispõem de escrita são primitivos e pouco desenvolvidos.
  - ( ) As pessoas analfabetas têm limitações cognitivas e pouco desenvolvimento lógico.
  - ( ) A fala é efêmera e fugaz; a escrita permanece.
  - ( ) A fala sempre se dá face-a-face; a escrita é sempre usada para alcançar pessoas distantes no tempo e no espaço.
  - ( ) Na fala, as pessoas expressam seus sentimentos e suas emoções, da maneira como sua comunidade se comunica. Por isso, a fala não deve ser trabalhada na escola.
  - ( ) O oral é mais espontâneo e menos controlado que o escrito.
  - ( ) Os problemas de comunicação, mal-entendidos, conflitos são resultados de falhas na maneira de se exprimir, de uma má utilização das palavras.
  - ( ) Ensinar expressão oral é ensinar o modo como os alunos devem se exprimir, de maneira clara, com palavras próprias de seu vocabulário; para isso, é preciso inculcar bases referentes à elocução de idéias e de frases com sentido entre si, pois os alunos dão espontaneamente idéias sem continuidade.
  - ( ) A linguagem oral dos alunos é pobre, truncada, e precisa ser desenvolvida.

# 1 | O SURGIMENTO DAS ESCRITAS

Esta seção está baseada em textos disponíveis em: "L'aventure des écritures", <<http://classes.bnf.fr/dossiecr/>>. Acesso em: 11 mar. 2006.

*Tudo se passa como se a escrita já tivesse sido inventada antes de ser posta em relação com a língua, antes de ser fonetizada: o advento da escrita é o advento de algo que já é a escrita (considerando que a sua característica fundamental é o isolamento de um traço significativo através da grafia) e que, depois de uma evolução lenta e descontínua, acaba por poder servir de suporte ao som (BARTHES e MARTY, 1987, p.32).*

Neste Caderno, vez por outra vamos citar as palavras ou as idéias dos autores em que nos baseamos. Como fizemos acima, quando citamos Roland **Barthes** e Eric **Marty**, vamos indicar, nas citações, o sobrenome do autor ou autores, a data de publicação da obra consultada (no caso, 1987) e, quando for necessário, a página onde está o trecho citado (no caso, página 32). Para identificar o autor ou autores, basta localizar o sobrenome na lista bibliográfica no final do Caderno; para identificar a obra, é só conferir a data de publicação.

Na longa história da humanidade, as escritas são uma invenção recente, de pouco mais de 5000 anos. Como diz Arnaldo Antunes (na epígrafe principal), elas aparecem depois da fala, mas antes da enciclopédia. Nesta seção, vamos conhecer alguns desses momentos iniciais de aparecimento da escrita, em vários povos e sociedades.

É na Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, na cidade de Uruk, antiga capital de Sumer, que são encontrados os vestígios mais antigos de escrita cuneiforme, datados de 3300 a.C.

A cidade de Uruk chama-se atualmente Warka e fica no Iraque.

A escrita cuneiforme é herdeira dos *pictogramas* e das *pinturas rupestres*, que, originalmente, registravam e representavam objetos, ações e cenas de grupos humanos. Mas os pictogramas – desenhos ou grafismos representando coisas ou seres – mudam de função na escrita cuneiforme.

No Caderno “Desenvolvimento e apropriação da linguagem pela criança”, desta Coleção, as *pinturas rupestres* são definidas como *pinturas feitas nas rochas*, que ficaram registradas ao longo de muitos anos, feitas com *ocre* (*‘tipo de terra fina que contém argila e óxido de ferro hidratado e que apresenta várias tonalidades pardacentas tirantes a amarelo ou a vermelho’*, cf. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, versão 1.0.5a, de novembro de 2002), *na maioria das vezes, ou com gordura vegetal e animal*.

As populações que habitavam a região da Mesopotâmia, sob o governo de um soberano, eram urbanizadas e compostas por comerciantes, administradores, artesãos, camponeses e pastores e praticavam todo tipo de trocas administrativas e comerciais. A escrita cuneiforme nasceu sobretudo da necessidades destes povos de registrarem suas trocas comerciais. Os sumérios, grandes comerciantes, acabam de aperfeiçoar o sistema.

Um pouco depois da escrita cuneiforme, é inventada a escrita egípcia, os hieróglifos. *Hieróglifo* (ἱερογλυφικος) quer dizer, literalmente, *gravura sagrada*. A escrita nasce, no Egito, não a serviço do comércio, como aconteceu com outras escritas, mas de um poder onde o religioso e o político são indissociáveis; lá, é considerada como um dom de Deus e uma vocação que garante a ordem do mundo.

No caso da escrita cuneiforme dos sumérios, os pictogramas, representando esquematicamente objetos (já como mercadorias), começam ser utilizados para registrar as trocas comerciais e se constituem como *signos-imagem* dos objetos.



Pictograma de uma cabra

Depois, os pictogramas começam a ser combinados entre si para representar novas idéias ou ações mais abstratas, compondo os *ideogramas*, ou *signos-idéias*:

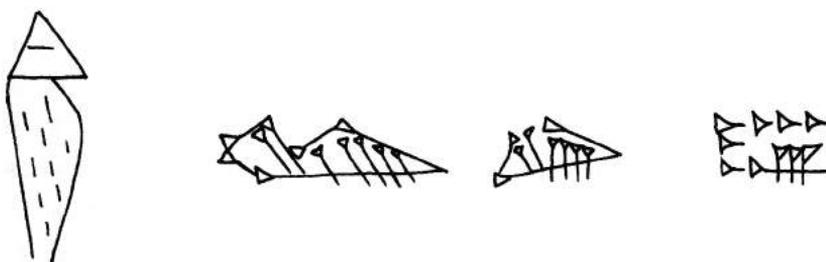


Pássaro+ovo = fecundidade

Podemos, portanto, definir a escrita, de maneira mais geral, como a representação visual da linguagem por um sistema de signos gráficos adotados convencionalmente por uma comunidade. Ao longo de sua história, as escritas utilizaram suportes muito variados: da pedra à terra seca ou cozida aos muros urbanos, do papiro ao papel, do filme à tela do computador ou da TV.

Como vimos, chamamos *suportes* aquelas superfícies concretas onde os *signos* se inscrevem ou se afixam.

A grafia cuneiforme nascida em Sumer vai, num certo momento, por causa das dificuldades gráficas, deslocar-se 90° à esquerda, mudando as linhas: as linhas curvas, difíceis de traçar na argila mole, são decompostas em linhas retas que não são mais desenhadas, mas passam a ser impressas por meio de um instrumento – o calame – de ponta triangular, que deixa impressos desenhos em forma de cunha – daí o nome de escrita *cuneiforme* – *em forma de cunha*. Com isso, os signos gráficos vão se simplificando em termos de traçado e deixando de ter relação imediata com a imagem do objeto.



Evolução do signo cuneiforme para a representação de Homem.

Por volta de 3000 a.C., tanto pictogramas como ideogramas são também utilizados com valor fonético, cada signo representando uma sílaba. São *signos-sons*, que colocam, portanto, pela primeira vez, a escrita em relação com a fala. Assim, aperfeiçoando-se constantemente, a escrita cuneiforme acaba por quase que transcrever a língua dos

sumérios e depois se adapta a outras línguas estrangeiras. A passagem do signo-imagem ao signo-som (silabário) e o formato cuneiforme simplificado facilitam essa expansão e a escrita passa de simples registro para memória para funções mais ambiciosas, como o registro de contratos, de documentos (econômicos, administrativos, religiosos) e mesmo de textos literários e poéticos, como a epopéia de Gilgamesh. A partir de 2000 a.C., a escrita mesopotâmica se espalhará pelo Oriente Próximo: do golfo árabe-pérsico ao Mediterrâneo, do Irã ao Cáucaso, até a Ásia Menor e a Palestina.

A Epopéia de Gilgamesh é considerada uma das mais antigas epopéias do mundo. Fragmentos dessa obra foram encontradas nas escavações efetuadas em Nínive, na biblioteca de Assurbanipal, o último grande rei assírio, que reinou no 7º século a.C. A versão mais recente está escrita em doze tabuletas de argila e é o resultado de pelo menos 1800 a 2000 anos de trabalho sobre a epopéia.

Portanto, podemos distinguir três grandes sistemas de escrita:

- u O sistema *ideográfico ou logográfico* – onde cada signo representa um objeto (*pictograma*) ou uma idéia (*ideograma* ou *logograma*). A escrita ideográfica exige milhares de signos e, por isso, um longuíssimo aprendizado. Embora um ideograma possa, teoricamente, ser compreendido por pessoas falantes de diferentes línguas, cada povo representou diferentemente os objetos e idéias.

No Japão, por exemplo, no Ensino Fundamental, leitura e escrita são as partes mais importantes do currículo elementar. Além dos dois sistemas silabários japoneses (*hiragana* e *katakana*), espera-se que o aluno aprenda pelo menos 1006 *kanjis* (ideogramas) até o final da sexta série. Portanto, em países com sistemas de escrita ideográficos, a alfabetização (parcial) leva pelo menos sete anos, se se contar a Educação Infantil, por causa da grande quantidade de ideogramas que devem ser aprendidos.



Ideogramas chineses



Pictograma asteca



Hieróglifo egípcio

Representações de “água” em diversas escritas ideográficas (Louis-Jean Calvet, *Histoire de l'écriture*, 1996).

- u Os sistemas *silábicos* – onde cada signo representa o som de uma sílaba. Como vimos, o primeiro silabário foi o sumério, grafado em escrita cuneiforme. Outros povos também criaram silabários que se desenvolveram em alfabetos: os fenícios, os hindus, os hebreus. Um silabário dispõe de cerca de 80 a 120 signos.
- u Os sistemas *alfabéticos* – onde cada signo representa um som decomposto (fonemas e não mais sílabas) e esses signos podem se combinar para representar sons diferentes. Graças a essas múltiplas combinações possíveis, bastam cerca de 30 signos para que um alfabeto dê conta de uma língua, o que torna seu aprendizado consideravelmente mais simples.

Na verdade, a maior parte das escritas é, de fato, uma combinação dos três sistemas.

O primeiro alfabeto conhecido era em escrita cuneiforme simplificada, com 30 signos. Foi inventado em Ugarit, cidade comerciante da costa da Síria, no século XIV a.C.

Mas o mais importante desenvolvimento da escrita alfabética foi de responsabilidade dos fenícios, também comerciantes e navegadores. O alfabeto fenício pode ser considerado o ancestral de todos os outros alfabetos do mundo.



Tábua com inscrições em escrita cuneiforme no alfabeto de Ugarit (Museu do Louvre, Paris).

Alfabeto de Ugarit (Virolleaud, Syria, XXVIII, p.22)

Herdeiro dos primeiros ensaios alfabéticos do alfabeto de Ougarit e dos silabários, o alfabeto fenício, por volta do ano 1000 a.C. tem 22 letras, representando consoantes apenas. Comerciantes, marinheiros e navegadores, os Fenícios espalham pelo mundo seu alfabeto, dando origem aos alfabetos grego, latino, aramaico, árabe e indiano.

Como vimos, trata-se de um silabário, onde somente as consoantes são representadas valendo pela sílaba. Assim, o *aleph* e o *ain* – vogais coringa - são sons vocálicos de espectro mais amplo, não equivalendo exatamente a um som vocálico específico.

	Boi ( <i>'aleph</i> = /l/)		Aguilhão ( <i>lamed</i> = /l/)
	Casa ( <i>beth</i> = /b/)		Água ( <i>mem</i> = /m/)
	Camelo ( <i>gimel</i> = /g/)		Peixe ( <i>nun</i> = /n/)
	Porta ( <i>daleth</i> = /d/)		Peixe ( <i>sâmekh</i> = /s/)
	( <i>hê</i> = /h/)		Olho ( <i>'ain</i> = /l/)
	Prego ( <i>waw</i> = /w/)		Boca ( <i>pe</i> = /p/)
	Arma ( <i>zain</i> = /z/)		( <i>san</i> = /s/)
	( <i>beth</i> = /h/)		( <i>qoppa</i> = /q/)
	( <i>thet</i> = /t/)		Cabeça ( <i>resh</i> = /r/)
	Braço ( <i>yodh</i> = /j/)		Dente ( <i>sin</i> = /s/)
	Palma ( <i>kaph</i> = /k/)		Cruz ( <i>tau</i> = /t/)

Mesmo a palavra *alfabeto* vem de *aleph* + *beth*



Assim, uma palavra como *macaco* se escreveria:

*mem* + *kaph* + *kaph* (água + palma + palma) sem as vogais:



Vimos, até aqui, que a escrita foi inventada e transformada por muitos povos na antiguidade, mas que sempre nasceu de necessidades sociais ligadas às esferas de poder das comunidades, seja poder de mando – como no caso do Egito – seja poder econômico, como no caso dos muitos povos comerciantes que dela precisaram para suas relações de negócios.

Vimos também que, num primeiro momento, ela era simbólica: representava os objetos, as imagens das coisas e dos seres. Foi se tornando mais e mais abstrata, nos ideogramas, representando idéias por meio de combinações de pictogramas. Posteriormente, esses mesmos pictogramas e ideogramas que representavam imagens de coisas, passaram a representar os sons das palavras que designavam essas mesmas coisas:

*Resh* (cabeça, em fenício) escrito  para representar o som /r/ de *resh* (cabeça).

O que separa as representações ideográficas das fonográficas, como os silabários e alfabetos, é um longuíssimo processo de análise e decomposição dos sons das línguas – análise fonológica – feito por esses povos comerciantes, por causa de suas necessidades práticas. Esse processo de análise levava-os a reter os sons mais importantes para representar de maneira prática o que era necessário. Assim, representaram as consoantes, mas não as vogais, que poderiam ser inferidas, por exemplo. Muitos sons, mesmo em nosso alfabeto, não são representados. Por exemplo, a letra T, de acordo com a região em que vive o falante, pode corresponder ao fonema /t/ ou aos fonemas /tʃ/: diz-se [norte] na região sul e [nortchi] na região sudeste. Portanto, a letra T representa sons diferentes conforme seja lida por um falante de uma região ou da outra.

Isto leva a uma primeira conclusão importante sobre alguns mitos em que muitas pessoas acreditam: *não se escreve como se fala*. A fala se dá de diferentes maneiras em diferentes regiões do país e em vários grupos sociais, mas a escrita elege algumas letras e sinais para representar apenas alguns dos sons destas variedades. Logo, *a escrita não é, embora muitos creiam nisto, uma transcrição da fala*, não é um código de transcrição. Ao contrário, como bem lembrava Emília Ferreiro (1986), a escrita elege alguns sinais gráficos para representar alguns aspectos (sons, pausas, entonações) da fala, mas não outros. Uma transcrição mais exata da fala só pode ser obtida por meio do alfabeto fonético, mas não por meio da escrita alfabética convencional. Logo, a escrita é um processo de *representação* e não de transcrição, que exige análise mas que tem muito de convenção.

Em segundo lugar, *a escrita não é um dom e não evoluiu do desenho (pictograma) para o desenho estilizado (ideograma) e para a escrita alfabética*, como muitos parecem acreditar. *Não é preciso antes desenhar para depois escrever letras*. Esses são sistemas de representação que funcionam a

partir de lógicas diferentes e qualquer criança que participe de práticas letradas sabe distinguir “o que está escrito” do que é desenho ou ilustração.

Na verdade, os três sistemas de escrita estão presentes em todas as representações gráficas de todos os povos hoje e, historicamente, os povos foram criando e modificando esses sistemas, à medida que necessidades sociais se apresentavam, como ainda hoje acontece.

## ATIVIDADE 2

- 1) Escreva, abaixo de cada imagem, o sistema de escrita que nela está utilizado e justifique sua resposta.

a)



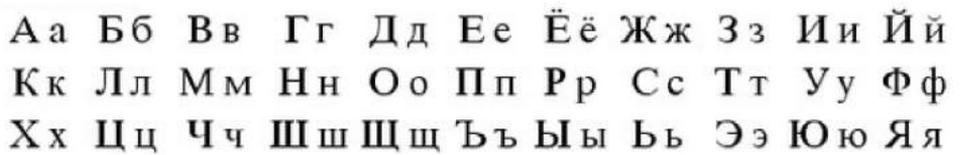
Céu (sora), Vazio (kara)

Mão

Karate

(Ideogramas desenhados por Sumiko Kanashiro, diretora do Instituto de Cultura Oriental, Belo Horizonte.)

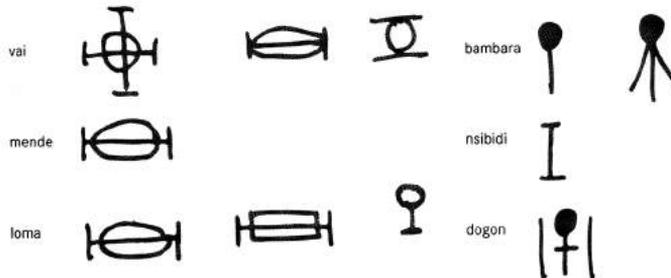
b)



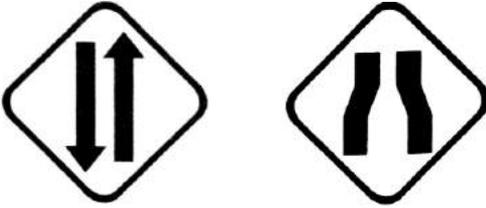
c)

Pictogrammes traditionnels

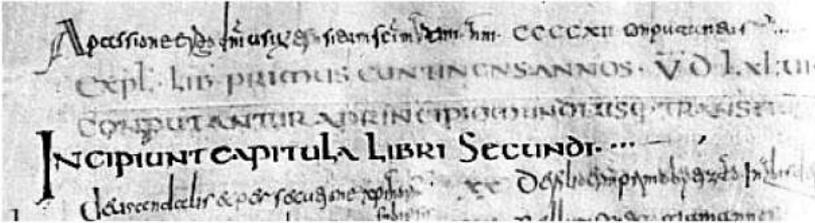
la personne



d)



e)



f)



- 2) Analise a mensagem de correio eletrônico ou torpedão abaixo, escrita em “internetês”, e depois explique porque a escrita alfabética não é transcrição, mas sim representação da fala.

VC VEIN AKI EM KAZA CM KEM E KDO? TRAZ XOCOLATE  
E + CERVEJA? AXO Q NAUM TENHO +. BLZ? ☺

## 2 | RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA - ALGUNS MITOS E PERSPECTIVAS

Esta seção está baseada em Rojo (2001).

*De fato, a aplicação da escrita diz respeito, no princípio [no IV milênio a.C.], sobretudo a coisas novas: as contas, os reconhecimentos de dívidas para com os deuses ou para com os homens, as séries de dinastias, os oráculos e as listas de sanções, enquanto as receitas de cozinha, os códigos de comportamento, por exemplo, eram transmitidos oralmente. Tudo se passa como se a escrita, criada a partir dessas novas condições de vida, lhes permanecesse necessariamente ligada, como se não pudesse ser aplicada a coisas que não tivessem contribuído para sua criação... (BARTHES e MARTY, 1987, p.39).*

Vale a pena começarmos esta seção fazendo uma distinção também sugerida, em outros termos, por Roland Barthes: a distinção entre *a(s) escrita(s)* e *os escritos*. Vamos chamar de *a(s) escrita(s)* aquilo que se refere à grafia, isto é, às formas gráficas (letras, ideogramas) que – estabelecendo ou não relações com os sons da fala, como nas escritas silábicas ou alfabéticas – constituem a parte material, concreta da escritura. Vamos chamar de *os escritos* os textos que, fazendo uso desta(s) materialidade(s) concreta(s), resultam de uma prática letrada.

Como vimos, as escritas nascem de novas necessidades ligadas às esferas de poder – econômico, religioso, político. Barthes e Marty (1987) notam que os textos e gêneros de textos ligados a essas esferas de poder são os primeiros a serem grafados: contas, contratos, registros de dívidas, oráculos, obituários, listas de sanções. São também precisos muitos séculos para que as escritas passem a grafar a enorme variedade de escritos que hoje conhecemos.

Chamamos *gêneros de texto* ou *de discurso* as formas de dizer mais ou menos estáveis numa sociedade. Todos os cidadãos sabem o que são e reconhecem notícias, anúncios, bulas de remédio, cheques, cartas etc. Esses gêneros são conhecidos e reconhecidos tanto pela forma dos textos a eles pertencentes como pelos temas e funções que viabilizam e pelo estilo de linguagem que permitem. Os gêneros não são tipos de texto, pois circulam efetivamente na sociedade. Os tipos de texto (narrativo, descritivo, argumentativo, expositivo, instrucional, dialogal) são generalizações sobre as propriedades de textos de vários gêneros. Os textos pertencentes a um gênero viabilizam os discursos de um campo social. Por exemplo, as notícias, editoriais e comentários fazem circular os discursos e posições das mídias jornalísticas.

No Ocidente, desde seu início até os fins da Idade Média, a escrita (manuscrita) é domínio de poucos e não se apresentava como a conhecemos hoje. Escrever era um ofício profissional, que cabia a uma corporação de ofício na Idade Média – a dos *escribas*. Na Antiguidade, como vimos, os escribas eram funcionários que estavam ligados aos templos, aos soberanos e imperadores, ao comércio. Na Idade Média, esses funcionários permanecem ligados também ao poder de governo, ao comércio e à Igreja, mas também às escolas e Universidades que estão surgindo. Esses escribas da Idade Média das Universidades e Monastérios eram *copistas*, que transcreviam a mão (manuscritos) textos antigos encontrados ou textos novos ditados pelos padres filósofos.

Veja, por exemplo, o filme *O Nome da Rosa*, onde se trata do roubo de um manuscrito proibido de um texto inédito de Aristóteles.

Os copistas escreviam sem pontuação e sem espaços entre as palavras, mas, neste momento, a cópia de um ditado feito, por exemplo, por Santo Agostinho já era um trabalho de estabelecer relações entre sons da fala e letras, para produzir ou documentar textos sagrados e filosóficos (mais tarde um pouco, científicos), históricos, literários (epopéias, dramas), jurídicos (leis, contratos). Começam a surgir *os escritos* variados.

Mas, na Idade Média, os manuscritos não são acessíveis a todos – somente aos escribas – e nunca passam sem a voz. Quase sempre, o escriba do manuscrito não coincide com o autor que lhe dita o texto. Aí, texto e grafia (o escrito e a escrita) estão bastante separados: o autor está encarregado do texto e o escriba, da escrita.

Teremos a mesma situação novamente quando, num tempo não muito distante, pudermos ditar nossos textos para o computador, sem digitá-los: o computador será o escriba do futuro.

Por outro lado, era impossível ler sem a voz ou a palavra falada; ler silenciosamente. Santo Agostinho, por exemplo, considera a leitura silenciosa como anomalia. Por essa época, a escrita ainda era menos importante que a palavra falada e tendia a se reduzir à cópia para registro de textos ditados ou já anteriormente escritos.

*Até o desenvolvimento da imprensa, as pessoas eram obrigadas, para compreenderem um texto, a lê-lo em voz alta, visto que as palavras não estavam separadas e criavam, assim, ambigüidades de significado: a natureza puramente espacial do texto escrito não estava ainda fundada...* (BARTHES e MARTY, 1987, p. 49).

Pode-se dizer que é com o advento da imprensa e da escrita mecânica que a escrita separa-se da palavra falada, deslocando-se do território do som e do tempo para o do olho e do espaço. O texto ganha autonomia em relação à palavra falada e o escrito passa a significar mais do que simplesmente a escrita. Volta a ser, diria Vygotsky (1935), um simbolismo de 1ª ordem: libera-se da fala como signo mediador.

A partir de então – e cada vez com maior intensidade, com os meios eletrônicos de comunicação – tanto a importância da fala como da escrita e da grafia têm diminuído, em favor da significação que pode emergir do texto escrito ele próprio, como discurso que se põe em relação com outros discursos de outros autores.

A partir do momento em que, com a invenção da imprensa, o autor e o escriba; a grafia e o texto; a escrita e o escrito fundiram-se e confundiram-se, as relações entre estes elementos (a fala, a escrita e os textos falados ou escritos) também se tornaram complexas, exigindo um maior refinamento de análise, nem sempre encontrado quando se fala da escrita e de seu processo de apropriação pelo aprendiz, na relação com a oralidade.

É claro que, hoje, nas modernas sociedades ocidentais, diferentemente da Idade Média, para que um autor produza um texto (produza o escrito) e o faça circular socialmente de maneira aberta a possíveis leitores, não só é preciso que este domine a escrita (a grafia), como também que tenha acesso a instituições – mais ou menos democráticas – que colocam a escrita em circulação: a imprensa, a internet. Note-se que também esta situação é provisória, pois hoje também é perfeitamente possível se pensar uma evolução dos meios eletrônicos, a partir da qual a escrita e o texto se façam diretamente a partir da fala e do ditado, como na Idade Média, passando o computador a ser o escriba. Entretanto, o texto continuará

texto; o autor talvez continue autor; a escrita continuará escrita; sem que, entretanto, haja necessidade deste “saber sobre” a escrita por parte do autor, para ditar um texto escrito.

*Quando se aborda um par de práticas tão intimamente ligadas como o oral e o escrito, é necessário considerá-las práticas sutis que não se sustentam apenas no seu funcionamento presente (BARTHES e MARTY, 1987, p.57).*

Para as crianças de hoje – antes, durante e depois da alfabetização –, os textos aparecem nesta configuração espacial de signos que são vistos e não ouvidos, que são feitos para serem lidos silenciosamente.

Abordando *a escrita, a que produz textos*, Barthes e Marty (1987, p.46) se perguntam se, do ponto de vista discursivo:

*...a ligação do escrito ao oral através da alfabetização não é, no plano da comunicação, uma pura ilusão, e se, pelo contrário, a posição do sujeito não é completamente diferente na sua própria enunciação.*

A respeito da escrita, diz Barthes (1981, p.12): *a escrita não é a fala [...]; mas ela também já não é o escrito, a transcrição; escrever não é transcrever.*

O que define, então, *o(s) escrito(s)*, isto é, os textos escritos no seu plano discursivo ou textual e não a partir de sua materialidade gráfica? Que relações eles mantêm, enquanto textos, com a fala?

Diferentes autores vão apontar como traço definidor da escrita em relação à fala uma característica que emergiu historicamente no momento de seu deslocamento de um espaço de poder por direito divino (teocrático) para um espaço de poder pela relação entre pessoas do povo (democrático); no momento do surgimento do texto impresso: a descontextualização, a autonomia do texto escrito em relação à sua situação de produção ou contexto.

Segundo esses autores, na fala cotidiana, conheço meu interlocutor e compartilhamos, no momento da fala, o mesmo contexto e um conjunto de conhecimentos comuns. Ele pode me interromper imediatamente, para esclarecer dúvidas, concordar, discordar, acrescentar, mudar de assunto. Na fala, posso me expressar de maneira mais livre e menos formal. Não preciso planejar antes o que vou dizer: vou simplesmente falando. Por isso, diz

Vygotsky (1934), o discurso oral é mais abreviado que o escrito, economiza muitos conhecimentos compartilhados ou pertencentes ao contexto que, na escrita, precisam ser explicitados. Isso leva o texto oral a parecer mais lacunar, falho, fragmentário, desorganizado e preso ao contexto que o texto escrito. Como veremos, trata-se apenas de **parecer** e não efetivamente **ser**.

Para melhor compreendermos este raciocínio, vejamos um exemplo:

### EXEMPLO 1

Conversa telefônica entre amigos (inventada)	Notícia retirada de <a href="http://www.teatroaugusta.com.br/14/03/2006">http://www.teatroaugusta.com.br/14/03/2006</a> , adaptação. Acesso em: 14 mar. 2006.
<p><i>Paulo:</i> Ôpa, Mano! Beleza?</p> <p><i>Ricardo:</i> Beleza.</p> <p><i>Paulo:</i> Cê viu, Bró? A Beta vai dançar agora em Londres. Primeira bailarina, Mano. É mole?</p> <p><i>Ricardo:</i> Irado! Mas já dava prá sacar, né? Do jeito que ela leva fé! Tá ligado na medalha de prata?</p> <p><i>Paulo:</i> Tô ligado. Foi a russa mesmo lá da medalha de prata que colocou ela nessa. Lá em Londres. Pô, vou sentir saudades.</p> <p><i>Ricardo:</i> Só!</p> <p><i>Paulo:</i> Tão tá. Vô nessa.</p> <p><i>Ricardo:</i> Falou.</p>	<p><i>Brasileira será a primeira bailarina do Royal Ballet</i></p> <p>Pela primeira vez uma brasileira assume o posto de primeira bailarina do Royal Ballet de Londres. A carioca Roberta Marquez, uma das estrelas do Teatro Municipal do Rio, vai integrar o elenco da companhia em setembro. Roberta começou a dançar muito cedo. Ainda menina fazia aulas na Escola Estadual de Danças Maria Olenewa. Lá ela se formou com louvor sob a direção de Maria Luiza Noronha. Em 1994 fez uma audição para dançar no Balé do Teatro Municipal do Rio e em 2002 conquistou o posto de primeira bailarina.</p> <p>A chegada ao Royal começa com Dalal Achcar. Diretora do Municipal, Dalal convidou a diva Natalia Makarova para montar La Bayadère em 2000. “Houve um planejamento. Primeiro Roberta dançou com Makarova, uma oportunidade sem preço. Em 2001, conquistou a Medalha de Prata no 9.º Moscow International Dance Competition, vencendo os russos, quando alcançou outro patamar e, depois, dançou o Lago dos Cisnes, também com Makarova”, conta Dalal, a empresária da bailarina.</p> <p>No ano passado, quando Makarova remontou A Bela Adormecida para o Royal Ballet, convidou Roberta para participar de sua produção. (...) Em seguida, dançou com a companhia La Bayadère e Gisele e participou de uma turnê do Royal na Rússia - em Moscou e São Petersburgo -, onde dançou nos teatros Bolshoi</p>

e Mariinsky (...). Como bailarina principal convidada, apresentou-se também com o American Ballet Theatre e já tem marcada uma próxima apresentação em maio, no Metropolitan Opera House em Nova York.

“Com essas apresentações no exterior, as qualidades artísticas de Roberta começaram a aparecer para o público e daí para a assinatura do contrato foi um passo”, observa sua empresária.

Neste exemplo, a mesma novidade/notícia é comentada, oralmente e por escrito. A diferença é que Paulo e Ricardo se conhecem bem, são jovens amigos e freqüentam a mesma turma que inclui Roberta. Também conhecem bem Roberta e sua história profissional. Sabem que é uma profissional dedicada, competente e de destaque, que participou e conquistou a Medalha de Prata no 9º *Moscow International Dance Competition*, a partir de uma oportunidade aberta por Natalia Makarova e que foi a mesma Natalia que a chamou para participar de um espetáculo com o *Royal Ballet* de Londres, que culminou no contrato. Portanto, não precisam detalhar estas informações; concentram-se na informação nova, sobre o contrato. Já o autor da notícia do *site* sabe que seus leitores não conhecem Roberta e sua história profissional. Assim, além da notícia, esclarece os fatos que levaram ao contrato em Londres.

Além disso, Ricardo e Paulo são jovens amigos que compartilham o cotidiano. Usam o registro e as gírias de sua comunidade jovem para conversar. A situação é informal. O texto do *site*, por ser público e em contexto formal – jornalismo digital – adota o português padrão.

Pensando em exemplos como esse, muitos autores além de Vygotsky, Barthes e Marty pensam a fala e a escrita como formas de linguagem (modalidades) distintas e, por vezes, bastante opostas em suas características.

Trata-se do que chamamos a perspectiva da *dicotomia* (do grego, divisão em dois) entre linguagem oral e linguagem escrita. Tomadas como duas modalidades diferentes, a linguagem oral e a linguagem escrita são investigadas por esses autores pensando em suas diferenças.

Neste sentido, poder-se-ia dizer que o texto escrito se baseia mais na sua autotextualidade que no seu contexto, ou seja, que o princípio fundador da sua organização se encontra na estruturação interna dos seus significantes, e que, pelo contrário, o discurso oral se organiza em parte segundo a situação em que evolui (BARTHES e MARTY, 1987, p.49).

Marcuschi (2001, p.27-28) esquematiza as diferenças apontadas por esses autores:

**Quadro 1: Diferenças entre fala e escrita apontadas por autores que assumem a perspectiva da dicotomia**

Fala	Escrita
contextualizada	descontextualizada
dependente (de contexto)	autônoma (em relação ao contexto)
implícita	explícita
redundante	condensada
não-planejada	planejada
imprecisa	precisa
não-normatizada	normatizada
fragmentária	completa

Embora análises como essas possam ser bem adequadas a exemplos como os que vimos acima, o problema com elas é que generalizam para toda a linguagem oral as características da conversa cotidiana e para todos os escritos as características de certos escritos formais e públicos. Por exemplo, um bilhete de Paulo para Ricardo, apesar de escrito, pode ser tão informal quanto a conversa ao telefone e, portanto, poderá parecer bastante fragmentário também:

#### EXEMPLO 2

*Ôpa, Bró! Cê viu? A Beta vai dançar em Londres agora. Primeira bailarina, Mano. É mole? Foi a russa mesmo lá da medalha de prata que colocou ela nessa. Lá em Londres. Pô! Vou sentir saudades! Liga pra ela, falou? Vou nessa.  
Paulo.*

Também a mesma notícia poderia ser dada oralmente num noticiário cultural da TV Cultura, preservando muitas características do texto do site.

Vamos refletir um pouco sobre quais são os mecanismos de organização da fala na conversa cotidiana que levam a esta impressão de fragmentação, incoerência e

desorganização, se comparada a um texto escrito. Veja este exemplo de conversa cotidiana entre duas mulheres. Na transcrição desta conversa, L1 e L2 são as duas mulheres participantes da conversa e os números que antecedem a fala ou turno de cada uma delas servem para facilitar a localização do turno de fala.

### EXEMPLO 3

#### Legenda dos sinais usados na transcrição:

...	qualquer pausa
:	alongamento de vogal ou consoante, podendo aumentar para ::: ou mais
/	truncamento
( )	incompreensão de palavras ou segmentos
?	interrogação
MAIÚSCULAS	entoação enfática
(...)	indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.
(hipótese)	hipótese do que se ouviu

(Fonte: CASTILHO, Ataliba; PRETI, Dino. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. vol. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1986. p. 9-10.)

1. L2: eh: a c/ eh c/e como são / e como são pessoas...absolutamente:... como que eu/ fala quando quando a pessoa ela não tem:::?
2. L1: ela não tem...assim éh:...por exemplo...éh as ah:::
3. L2: tem pessoas que entram...como entraram na Casa dos Artistas e no Big Brother ...casadas ou noivas (amando)... chorando porque estava deixando o outro lá fora...
4. L1: éh mas será que realmente ( )
5. L2: saiu:...
6. L1: éh chorando? porque ...que eu me lembre aquela primeira moça... ah:Vanessa... que ::ah foi a primeira vez que eu assisti ela se eu não me engano ela tinha um namorado italiano né? e deixou o namorado italiano:...por conta daquele outro que tinha lá que eu nem me lembro o nome que era português que ia ser deportado do país...
7. L2: éh ( )
8. L1: ( ) o nome dele (...)
9. L2: ( ) saiu eles estavam namorando

10. L1: éh : e segun::do né? O que falaram aí eles estavam namoran::do...depois que saíram que é dizer qual o amor...que tipo de amor é esse que a pessoa...entra numa num numa situação dessa ...sabendo o que pode acontecer lá den::tro...eh ai:: ah:::.... o amor da minha vida é/ ERA o italiano ah mas agora ele não é mais o amor da minha ... agora eu conheci o português:...
11. L2: português...
12. L1:então agora o amor da vida é o português... o italiano...que:...suma da minha vida né? eu fico pensando... como que pode uma pessoa que que:::....tem uma vida né?fora que que/ muitos até são casados que entram lá né?

(Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>. Acesso em: 27 mar. 2006.)

Em primeiro lugar, numa conversa cotidiana, cada um dos interlocutores fala em sua vez: um fala, outro responde, o primeiro retruca etc. É o que chamamos turno de fala. Na conversa do Exemplo 3 temos 12 turnos de fala (numerados), seis para cada participante (L1 e L2). No início, quem conduz a conversa é L2 e L1 complementa e completa as falas de L2. A partir do sexto turno, lembrando-se de uma participante do BBB (Vanessa), L1 passa a conduzir a conversa e as posições se invertem.

A existência dos turnos de fala do diálogo e o fato de que não precisamos esperar que o outro acabe de falar tudo o que tem a dizer, mas podemos interromper, falar junto, complementar, repetir para concordar, “roubar” a fala, em grande parte, é o que leva a esta impressão de fragmentação e de desorganização.

Por outro lado também, quando falamos, estamos ao mesmo tempo buscando as palavras e, muitas vezes, por isso hesitamos:

*L1: ela não tem...assim éh:...por exemplo... éh as ah:::*

Isso interrompe ou fragmenta o fluxo da fala, acentuando a impressão de incoerência.

No entanto, isso é uma propriedade da conversa cotidiana e informal. Numa entrevista – por causa da estrutura pergunta-resposta – ou numa conferência – porque somente o conferencista fala, a fala já se apresenta numa organização muito mais parecida com a da escrita (com começo, meio e fim), quebrando essa impressão de fragmentação. Temos, como exemplo, a seguir, a transcrição de uma entrevista (adaptada) e de uma conferência de História. Na entrevista, L1 é a entrevistadora e L2 a entrevistada.

## EXEMPLO 4

1. L1 : Quando você era pequena, o que é que você se lembra, o que é que as pessoas diziam de você, como você era?
2. L2: Bem, quando eu era pequena eu morava ali no dezenove BC, no shopping M um, eu era muito mimada.
3. L1 : Sim.
4. L2: Eh, tinha a fama de tagarela, que eu acho que eu não era, era muito protegida por minha mãe, de meu pai eu tinha um certo receio assim, porque ele trabalha embarcado na Petrobrás, ele passa quinze dias fora e vinte e um dias em casa, aí tinha muita dificuldade de me, de me adaptar com ele quando eu era pequena, eu era mais apegada a minha mãe do que a ele.
5. L1 : E ele viajava é?
6. L2: Hum, hum.
7. L1 : Passava assim quanto tempo fora?
8. L2: Quinze dias trabalhando e vinte e um dias folgando.

(Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>. Acesso em: 27 mar. 2006.)

## EXEMPLO 5

Nesta, e em outras transcrições a seguir, você poderá seguir pela mesma legenda que antecede o exemplo 3.

Conferencista: (...) *então nós vamos começar pela Pré-História... hoje exatamente pelo período... do paleolítico... a arte... no período paleolítico... o paleolítico é o período... da pedra lascada... como vocês todos sabem... não é?... e... tem uma duração de aproximadamente de seiscentos mil anos... seria exatamente... pegando a (fase) da evolução do homem... enquanto 'homem sapiens'... que já deixou de ser (macaco)... passou a usar a inteligência... a conseguir fazer coisas... e como a gente vê é um período... e NORme frente ao que a gente conhece da história humana... seiscentos mil anos é MUIto tempo... as:: manifestações artísticas começaram a aparecer no paleolítico superior... especificamente no período () que é o último período do paleolítico... e que vai abranger... aproximadamente de vinte mil... a doze mil antes de Cristo... então a gente já limitou bastan::te nesse período extremamente vasto de seiscentos mil anos... embora... de vinte mil a doze mil... (quer dizer) praticamente oito mil anos... ainda seja... um período MUIto maiOR*

*do que... o que nós conhecemos... historicamente... que abrange por volta de cinco mil antes de Cristo até hoje portanto... por volta de sete mil anos... certo?... então tudo o que a gente vai dizer a respeito desse período... é baseado em pesquisas... arqueológicas... é baseado em pesquisas... etnográficas... em pesquisas... no campo da ARte... mas uma série de coisas são suposições... se nós não podemos afirmar... categoricamente que as coisas se passaram assim...*

(Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>. Acesso em: 27 mar. 2006.)

Como bem diz Schneuwly (2004, p.135),

*Não existe “o oral”, mas “os orais” sob múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender – como é o caso da exposição oral ou, ainda mais, do teatro e da leitura para os outros –, como também podem estar mais distanciados – como nos debates ou, é claro, na conversação cotidiana. Não existe uma essência mítica do oral que permitiria fundar sua didática, mas práticas de linguagem muito diferenciadas, que se dão, prioritariamente, pelo uso da palavra (falada), mas também por meio da escrita, e são essas práticas que podem se tornar objetos de um trabalho escolar. Essas práticas tomam, necessariamente, as formas mais ou menos estáveis que denominamos gêneros, dando continuidade, diversificando e especificando uma velha tradição escolar e retórica. Esta concepção do oral como realidade multiforme levanta numerosas questões importantes: Que gêneros trabalhar e por quê? Que relação instaurar com a escrita? Como definir a relação fala e escrita?*

O mesmo podemos dizer dos escritos: também nada há em comum entre uma carta pessoal e um requerimento; entre o diálogo num *sketch* e num romance; entre uma carta de reclamação, uma carta aberta e um editorial ou artigo de opinião; entre uma resenha e um verbete de enciclopédia; entre um diário íntimo e um texto histórico. A cada vez as temáticas, as formas de composição, os estilos e as relações com o oral serão diferenciadas.

No entanto, a perspectiva da dicotomia levou, como vimos, a uma série de mitos sobre a escrita e a oralidade, tanto do ponto de vista de suas características como do ponto de vista de seus efeitos sociais e culturais.

Falando das culturas com e sem escrita (ágrafas) e das formas de funcionamento social oral e letrado, muitos autores que buscavam diferenças dicotômicas afirmaram que:

## Quadro 2: Diferenças socioculturais entre letramento e oralidade apontadas por autores que assumem a perspectiva da dicotomia

Cultura oral ou formas orais de funcionamento social	Cultura letrada ou formas letradas de funcionamento social
<p>pensamento concreto  raciocínio prático  atividade artesanal  cultivo da tradição  ritualismo</p>	<p>pensamento abstrato  raciocínio lógico  atividade tecnológica  inovação constante  analiticidade</p>
<p>esquemas práticos  saber fazer  competências culturais difusas  desposseção</p>	<p>conjunto de saberes objetivados  coerentes  sistematizados  poder de mando e de dizer</p>

Essa é a posição de autores como Olson (1977); Goody (1977); Scribner e Cole (1981); Ong (1982); Scribner (1997); Lahire (1997), dentre outros, em geral, psicólogos, antropólogos e sociólogos.

Embora a história da escrita e das práticas escolares (sobretudo) estejam muito fortemente tramadas com o surgimento da lógica, da abstração, da análise e das tecnologias, não se pode, por outro lado, dizer que as culturas ágrafas ou os povos que privilegiam as formas orais de funcionamento social se atenham unicamente às atividades práticas e artesanais, à tradição e aos rituais e tenham um pensamento limitado, concreto e prático, sendo povos ditos *primitivos*. Pensemos em certos povos indígenas brasileiros ainda ágrafos ou que recentemente importaram a escrita do branco para suas comunidades: são povos que, embora vivendo em comunidades que funcionam principalmente oralmente, têm contato com a sociedade colonizadora branca e com suas tecnologias, e além dos esquemas práticos de caça e cultivo, também dispõem de TV, antenas parabólicas, gravadores, *notebooks*; não se restringem ao raciocínio concreto e prático, mas são capazes de transmitir de geração a geração mitos de origem muito complexos, que, se não podem ser ditos abstratos ou lógicos, também não são práticos ou concretos; lidam com a “lógica” e a matemática das transações comerciais ligadas ao extrativismo; estão abertos à inovações dos brancos (aculturação) e a suas tecnologias, quando necessário e em seu proveito. E, sem dúvida, dispõem de um sistema de saberes consolidados, objetivados – embora muitas vezes não sistematizados –, nada difusos ou confusos, como é o caso de seus

conhecimentos sobre plantas medicinais que hoje grandes empresas vão buscar para seus produtos e tecnologias. Também certos membros da comunidade (os pajés, os tucháuas ou caciques) dispõem de todo poder de mando e de dizer necessário à vida da comunidade e não são nada despossuídos, mesmo frente aos brancos.

Vemos, portanto, que a perspectiva da dicotomia fomenta, de fato, muitos mitos sobre os poderes da escrita contra a submissão do oral. Vejamos mais alguns deles:

### Quadro 3: Mitos assumidos na perspectiva da dicotomia

Mitos ligados às características das modalidades de linguagem	Mitos ligados aos efeitos sociais e culturais das modalidades de linguagem
<ul style="list-style-type: none"> <li>▫ a fala é desorganizada, variável, heterogênea e escrita é lógica, racional, estável, homogênea;</li> <li>▫ a fala é não planejada; a escrita é planejada e permanente;</li> <li>▫ a fala é o espaço do erro e a escrita o da regra e da norma;</li> <li>▫ a fala se dá face a face; a escrita serve para comunicar à distância no tempo e no espaço;</li> <li>▫ a escrita se inscreve; a fala é fugaz;</li> <li>▫ a fala é expressão unicamente sonora; a escrita, gráfica.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▫ a escrita leva a estágios mais complexos e desenvolvidos de cultura e de organização cognitiva do indivíduo;</li> <li>▫ a escrita dá acesso por si mesma a poder e mobilidade social.</li> </ul>

Como vimos, não podemos dizer que sempre a fala – mesmo a conversa cotidiana – é desorganizada, variável, fragmentária, heterogênea. Apenas que ela tem um outro tipo de organização, adequada ao gênero textual e ao contexto. O mesmo para a escrita, que pode assumir diversas formas de organização, de acordo com o gênero e o contexto. Não podemos dizer que um jornal falado televisivo é não planejado, assim como não podemos dizer que planejamos nossas anotações de diário íntimo. Atualmente, não podemos dizer

que a fala é não permanente e fugaz, pois podemos gravar ou digitalizar nossa voz, e não podemos dizer que a escrita é permanente e se inscreve, pois se esquecermos de gravar os arquivos de texto que estamos escrevendo, perdemos tudo. Mudaram os meios de preservação de fala e de escrita, que, hoje, vão além de traços grafados num suporte.

Também não podemos dizer que a fala é face-a-face e a escrita é a distância, pois temos hoje conversas telefônicas, assim como torpedos; notícias na TV, assim como bate-papo no computador. Os meios mudaram. Por isso mesmo, também não podemos dizer que a fala é expressão unicamente sonora, pois a TV combina, num telejornal, por exemplo, fala do âncora, imagens estáticas ou em movimento e escrita nas legendas, assim como acontece no jornal escrito impresso ou digital. O avanço das novas mídias e tecnologias fez ruir muitos desses mitos.

Quanto aos mitos culturais e sociais, infelizmente, hoje, qualquer de nossos alunos sabe que a escrita e a escolarização por si sós não vão lhe garantir emprego e nem muito menos fazê-los mudar de classe social e ascender socialmente a espaços de poder. Por outro lado, sabemos também, como vimos nos exemplos dos povos indígenas, que as culturas orais não são nem mais desorganizada, nem mais simples ou primitiva que as culturas letradas, e que os indivíduos que nelas vivem não são necessariamente, eles próprios, mais simples, primitivos ou limitados. Apenas temos funcionamentos diversos e complementares.

### ATIVIDADE 3

---

- 1 Leia este e-mail, enviado por “Galo” (*nickname*) ao Ponto de Encontro (*Fórum da UOL*) em 12/02/1999, onde “Galo” interage com “Princesa Sorriso” (*nickname*) e mais alguns outros participantes (“Distraída” e “Svóglio”, *nicknames*):

*Nickname* significa, em inglês, apelido. É a expressão utilizada nos grupos de discussão (ou *chats*) na internet.

Título: Eu hein...

Autor: Galo

E-mail: galo@xol.xom.xr

Data: 12/02/99

Cidade: SP

País: BZ

Eu hein... agora vocês mexeram em vespeiro! Ser bom ou ser justo... entendo serem estes conceitos extremamente subjetivos, assim como bonito ou feio. O que é justo para mim pode ser injusto para vocês, e vice-versa.

Acho que desta me abstenho...

Carnaval, Princesa Sorriso? Quero sombra e água fresca e desfiles pela TV! Aliás, substituo a água por uma Bavária e a sombra pelo guarda-sol da piscina do sítio ☺. Semana passada mais dois morreram em Santos por tiros disparados no meio da multidão... ☹ tô passando longe até de reunião de fofoqueira na calçada!!

Paz e amor a todos... e deixa só um pedaço da fantasia ao menos, né?

P.S.: Princesa Sorriso, logo após o carnaval, inauguro o escritório de Campinas, bem ao lado do Fórum...acho desnecessário dizer o nome de minha sócia... estou me descobrindo um masoquista...

**2.** Agora, assinale as alternativas que julgar corretas:

- ( ) Este texto é oral.
- ( ) Este texto é escrito.
- ( ) Este texto é escrito, mas tem fortes marcas de oralidade.
- ( ) Este texto é escrito num estilo por vezes formal, por vezes informal.
- ( ) Este texto é fragmentário, desorganizado e com falhas de coerência e coesão.
- ( ) Este texto é bastante adequado a seu contexto.
- ( ) Este texto apresenta erros de português e de ortografia.
- ( ) Este texto está escrito em português padrão, embora, por vezes, em estilo informal e cotidiano.
- ( ) Este texto apresenta uma única modalidade de linguagem.
- ( ) Este texto apresenta mais de uma modalidade de linguagem.

**3.** Analisando o texto, responda:

- a) Qual era possivelmente o tema em discussão no Fórum da UOL?
- b) De que outros temas “Galo” trata?
- c) Quando “Galo” trata do tema do Fórum, adota um estilo formal ou informal? E quando trata dos outros temas? Justifique apontando elementos do estilo formal e do informal.
- d) Qual estilo você acha mais adequado para participação em bate-papos e emails pessoais em ambiente digital, formal ou informal? Por quê?

### 3 | RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA - NOVAS PERSPECTIVAS

Esta seção está baseada em Marcuschi (2001) e em Rojo e Schneuwly (No prelo).

*O oral não existe; existem orais: atividades de linguagem realizadas oralmente; gêneros que se praticam essencialmente por meio da oralidade. Ou então atividades de linguagem que combinam o oral e o escrito. De fato, nada há em comum entre a performance de um orador e a conversação cotidiana; entre a tomada de turno num debate formal e numa discussão num grupo de trabalho; entre uma aula dada e uma explicação dada numa situação de interação imediata; entre a recontagem de um conto em sala de aula e a narrativa de uma aventura no pátio do recreio. Os meios lingüísticos diferem fundamentalmente; as estruturas sintáticas e textuais são diferentes; a utilização da voz, sempre presente, também se faz diferentemente; e também a relação com a escrita é específica em cada caso (SCHNEUWLY, 1997).*

Pelas razões que discutimos na seção anterior, alguns autores, em trabalhos mais recentes (a partir dos anos 90), começam a questionar a perspectiva da *dicotomia* entre fala e escrita e os mitos que ela criou.

Evidentemente, são duas modalidades de linguagem para concretizar e dar materialidade à mesma língua. Portanto, suas diferenças se reduzem a concretude, à materialidade (sons da fala, grafia – a escrita), mas não podem ser estendidas aos textos materializados por estas modalidades (os escritos).

Aqui, devemos entender *língua* não somente como a língua padrão, mas como um *conjunto de variedades* regionais (*dialetos*) e de grupos e contextos sociais (*registros*), que

serão utilizadas de maneira adequada aos *contextos de uso*, gerando diferentes *estilos* de dizer, oralmente ou por escrito.

O mais importante autor brasileiro a tocar neste tema é Luiz Antônio Marcuschi, em seu livro de 2001, *Da fala para a escrita: mecanismos de retextualização*. Nele, o autor defende uma perspectiva baseada nos gêneros textuais, chamada a perspectiva *da gradação* ou *do contínuo*.

Já Kato (1986, p.11-31) apresentava uma visão de continuidade entre as construções de fala e da escrita na criança em desenvolvimento, que pode ser representada na figura 1, a seguir:



Figura 1 – Relações de continuidade fala/escrita na criança

Ou seja, a criança desenvolveria uma fala inicial sem contato com a escrita ( $F^1$ ). Quando de seus contatos iniciais com a escrita ( $E^1$ ), sua fala seria modificada por efeitos de letramento ( $F^2... F^n$ ), assim como sua escrita ( $E^2...E^n$ ) também sofreria impactos desses novos processos.

Marcuschi (2001) apresenta visão mais sofisticada destas relações de continuidade, baseada nos gêneros textuais. Para ele, *“as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos. Em consequência, temos a ver com correlações em vários planos, surgindo daí um conjunto de variações e não uma simples variação linear”* (MARCUSCHI, 2001, p.37).

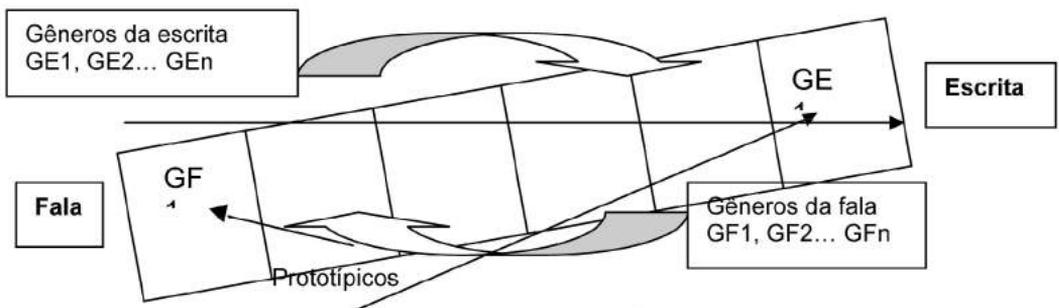


Figura 2: Relações de continuidade fala/escrita em relação a gêneros textuais

A Figura 2 busca representar uma situação em que haveria gêneros de textos mais propriamente orais (prototípicos), como a conversa cotidiana, e gêneros de texto mais próprios da escrita (também prototípicos), como as leis e as teses de doutorado. De forma não tão típica, haveria uma constelação de gêneros mais aproximados de uma ou de outra modalidade (gêneros da fala e gêneros da escrita), ligados a certas práticas sociais de produção de textos, que se organizariam numa gradação (ou contínuo) na aproximação de um ou outro pólo. Assim, se um bilhete está mais próximo do pólo da fala, uma carta pessoal, uma carta comercial, uma carta de leitor, uma carta aberta vão, gradativamente, aproximando-se do pólo da escrita.

Os critérios principais de distribuição dos gêneros pelo contínuo seriam o *meio de produção* (sonoro ou gráfico) e a *concepção discursiva* (oral ou escrita). Assim, teríamos, por exemplo, a seguinte distribuição de gêneros textuais:

**Quadro 4: Distribuição de quatro gêneros textuais de acordo com o meio de produção e a concepção discursiva (MARCUSCHI, 2001, p.40)**

Gênero textual	Meio de produção		Concepção discursiva		Domínio
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Conversa espontânea	x		x		a
Artigo científico		x		x	d
Notícia de TV	x			x	c
Entrevista publicada numa revista		x	x		b

Ou seja, se a conversa espontânea ou cotidiana materializa-se e concebe-se numa situação de fala, o artigo científico materializa-se e concebe-se numa situação de escrita. São os pólos típicos da dicotomia. Mas textos em outros gêneros têm, segundo Marcuschi, uma relação entre fala e escrita mais complexa. Por exemplo, uma entrevista publicada em uma revista acontece originalmente por meio da fala, mas depois é transcrita e retextualizada e é publicada e circula por meio da escrita. Ao contrário, a notícia no telejornal é primeiramente escrita, copiada no *teleprompter*, mas chega ao telespectador falada. Na verdade, disfarçadamente lida pelo âncora para o telespectador.

A perspectiva adotada por Marcuschi apresenta uma versão bastante mais sofisticada das relações entre oral e escrita nos usos sociais da língua e neutraliza muitos dos mitos que

discutimos antes. No entanto, ainda preserva a dicotomia básica entre oral e escrita, como pólos extremos do contínuo, e ainda trabalha na busca de semelhanças e diferenças nos textos, ainda que levando em conta múltiplas variáveis. Por isso, deixa um pouco de lado o contexto dos discursos, em favor das formas dos textos. Por exemplo, uma conversação espontânea ou cotidiana, dependendo da situação em que se dá e dos participantes, pode não ser assim tão típica da oralidade e pode incluir textos escritos inteiros citados. Imagine, por exemplo, uma conversa, durante o chá da tarde, entre Freud e Jung sobre psicanálise, ou entre Malan e Mercadante sobre economia. Ela estará muito mais próxima dos textos científicos que os participantes escreveram que do diálogo entre Paulo e Ricardo que vimos na seção 2.

De outra natureza é a concepção de relações entre usos orais e escritos da língua explicitada na epígrafe desta seção, que chamaremos de perspectiva *discursiva*. Esta perspectiva é adotada por Corrêa (2001); Rojo (2001); Schneuwly (2004, 2005) e Signorini (2001), dentre outros. Signorini (2001, p.99-101) aponta para os “*hibridismos da escrita*”, que se verificam “*no/pelo embricamento, junção, ou ‘mixagem’ – para usar um termo de Street (1984) –, não só de formas percebidas como próprias das modalidades oral e escrita, como também de códigos gráfico-visuais, gêneros discursivos e modelos textuais*”. Foi o que vimos acontecer no e-mail de “Galo”.

Em direção semelhante à de “hibridismos da escrita” caminha a noção de “*heterogeneidade da escrita*”, de Corrêa (2001, p.142-156).

Schneuwly, durante conferência proferida em 2005, vai enfatizar a questão agora do ponto de vista dos usos da língua e da linguagem na escola. Diz o autor:

*O segundo princípio é que a relação entre gêneros orais e gêneros escritos não é uma relação de dicotomia. É antes uma relação de continuidade e de efeito mútuo, isto é, gêneros orais podem sustentar gêneros escritos; gêneros escritos podem sustentar gêneros orais. Eles estão em mútua interdependência, cada gênero oral que entra na escola, em geral, pressupõe a escrita, assim como cada gênero escrito trabalhado na escola pressupõe o oral. Então, de uma certa maneira, esta é uma distinção relativamente artificial, pois há um entrelaçamento contínuo. Além disso, cada gênero oral é sempre também sustentado por um outro gênero oral, isto é, há sempre um gênero oral e um gênero oral sobre o gênero oral, um discurso sobre. Cada gênero é sempre também objeto de outros gêneros de alguma maneira. E então há sempre o falar para escrever, o escrever para falar, o escrever para escrever e o falar para falar, o que mostra que sempre um gênero é dependente de outros gêneros, o que é um fenômeno evidente de intertextualidade, mas que está sempre na base de nosso trabalho.*

Esta é, pois, questão da maior relevância para a compreensão do funcionamento dos gêneros orais formais e públicos e dos gêneros de texto orais e escritos em nossas sociedades letradas, assim como dos fenômenos dos letramentos e do ensino-aprendizagem de línguas nas escolas.

Nesta mesma direção, também Marcuschi (2001, p.46) elabora o conceito de *retextualização*, entendida como “*um processo que envolve operações complexas [de passagem do texto falado para o escrito e vice-versa] que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita*”.

Na verdade, o autor distingue entre *transcrição* e *retextualização*. Na *transcrição* ou *transcodificação* está envolvido o que chamamos antes de *a escrita*, isto é, a materialidade sonora da fala e gráfica da escrita, por meio de *procedimentos convencionalizados*. Por exemplo, quando transcrevemos uma conversa, uma conferência ou uma entrevista que foram gravados, como foi o caso dos exemplos 3 a 5 deste Caderno, retirados do Museu da Língua Portuguesa e transcritos por diferentes grupos de pesquisadores.

Na transcrição, não há introdução de transformações no texto produzido, apenas alteração na materialidade (sonora-gráfica). No entanto, mesmo neste primeiro nível de operações relativamente simples, já há uma neutralização do texto oral original: eliminam-se hesitações, incorreções, reformulações, marcadores conversacionais, repetições e truncamentos. Introduce-se a pontuação, como podemos observar na transcrição do exemplo 4, comparada à dos exemplos 3 e 5. Há o que Marcuschi (2001, p.52) denomina uma espécie de *idealização da língua pelo molde da escrita*.

*Marcadores conversacionais* são, em termos simplificados, palavras e expressões que introduzem um turno de fala, em geral antecipando a atitude do falante sobre o que vai dizer. Por exemplo, o **mas**, no começo de um turno, já anuncia que o falante vai discordar ou contra-argumentar o que o outro disse:

*Pai: A Mariana vai ver só, quando chegar em casa! Isso são horas?*

*Mãe: **Mas** eu dei autorização para que ela fique na festa até as três.*

Já na *retextualização* (MARCUSCHI, 2001), entra em jogo o que chamamos antes de *o escrito*, isto é, interfere-se tanto na materialidade como na forma e no conteúdo do texto, na passagem de um texto a outro. Refaz-se o texto, mudando seu formato lingüístico, por

meio de uma série de operações que Marcuschi (2001) discute em detalhes. É o que acontece, por exemplo, quando um jornalista transforma uma entrevista gravada numa entrevista a ser publicada numa revista.

Marcuschi (2001) comenta a quantidade de reclamações de entrevistados afirmando que “não disseram o que foi publicado”. Isso acontece, justamente, por que houve *retextualização*.

*“Nunca me reconheci tão pouco em uma entrevista. Nunca abominei tanto um discurso colocado por terceiros em minha boca.”*. Reclamação de Arnaldo Antunes (Folha de São Paulo, 23/10/1993), retirada de Marcuschi (2001, p.70).

Vejam os exemplos, também retirados de Marcuschi (2001, p.99-100):

#### EXEMPLO 6

<b>Texto original (oral)</b> Texto retirado por Marcuschi (2000-2001) do acervo do Projeto NURC – Norma Urbana Culta – do Recife, produzido por uma professora universitária em diálogo com um colega.	<b>Texto retextualizado (escrito)</b> Texto retextualizado por estudante do 4º período de Letras da UFPE – Universidade Federal de Pernambuco.
<p>O que eu acho engraçado é que toda vez que um biólogo começa a falar em controle da natalidade e programação da sociedade... ele é taxado imediatamente de nazista e fascista... porque essa ressalva que eles fazem... essa reação que o povo tem em geral até hoje eu não entendi... porque olhe... se nós vivemos em uma sociedade em que as camadas mais pobres da população... apresentam um índice de natalidade mais alto... significa o quê?... que a::... daí a um determinado tempo... o índice mental dessa sociedade vai cair (...)</p>	<p>Sempre que os biólogos abordam o assunto Controle da Natalidade e programação da sociedade, são taxados imediatamente de nazistas e fascistas. Essa é uma reação que não entendemos. Porque se vivemos numa sociedade em que as camadas mais pobres da população apresentam um índice de natalidade mais alto, significa que, daqui a um determinado tempo, o índice mental dessa sociedade vai cair. (...)</p>

Vemos que, ao retextualizar a fala da professora universitária, o estudante de Letras retira hesitações (*que a::...*), coloca pontuação, retira opiniões (*o que eu acho engraçado é que...*), escolhe palavras menos cotidianas (*sempre por toda vez que; abordam o assunto*

por *começa a falá*), generaliza (*um biólogo/os biólogos*) etc., modificando forma e conteúdo, além da materialidade do texto.

Essa noção de *retextualização* justamente faz ver que falas e escritos mantêm relações complexas em nossa sociedade. Como diz Schneuwly (2005), falamos para escrever (a passagem de uma conferência para um artigo acadêmico, por exemplo), escrevemos para falar (a passagem inversa de leituras de artigos acadêmicos para uma conferência, mediada por uma apresentação em *power point*), falamos para falar (uma reunião em grupo para preparar um seminário) e escrevemos para escrever (os múltiplos rascunhos e esquemas que fazemos, ao escrever um Caderno como este).

#### ATIVIDADE 4

- 1 Vamos entender melhor o raciocínio de Marcuschi sobre a perspectiva do *contínuo*? Preencha com um X os meios de produção (sonoro ou gráfico) e os tipos de concepção discursiva original (oral ou escrita) dos textos nos gêneros da coluna 1. Depois numere de 1 a 6, na coluna **Domínio**, os gêneros mais aproximados da fala ou da escrita, começando do de base mais oral (1) e chegando ao mais aproximado da escrita (6).

Gênero textual/Atividade	Meio de produção		Concepção discursiva		Domínio
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Aula no ensino superior					
Depoimento na polícia					
Resenha de livro publicado					
Apresentação empresarial					
Ata de reunião					
Letra de canção cantada					
Ditado do professor nas séries iniciais					

- 2) Agora, vamos fazer uma experiência de retextualização? Veja este trecho de uma entrevista sobre organização familiar retirada do acervo do Projeto NURC – Norma Urbana Culta – de Campinas, disponível em <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>, consultado em 28 mar. 2006 e adaptado para fins didáticos.

Entrevistada: (...) realmente deve ser uma delícia ter uma família gran/ bem grande com bastante gente...eu sou filha única...ah tenho um irmão de treze anos...mas gostaria deMAIS de ter tido...mais irmãos...porque quando:...com meu irmão eu já::já tinha curso universitário já já tinha saído da faculdade quer dizer então não tem quase que vantagem nenhuma não é?...eu queria então uma família grande tínhamos pensa::do...numa família maior mas depois do segundo...já deve estar todo mundo tão desesperado que nós ((risos)) estamos pensando... (...) é (pensamos) seriamente em parar...depois disso ainda til/ tive problemas de...saúde problemas de tiróide não sei quê::então o médico está aconselhando a não ter mais... então nós estamos pensando...estamos pensando não oficl/ oficialmente não está encerrado...mas de fato está porque::...o endocrinologista proibiu terminantemente que eu tenha mais filhos...  
 (... inclusive...se eu tiver...ele disse que vai ser necessário...um aborto...então estamos naquele negócio eh...como fazer::...se faço operação::se o marido fa::z mas ele acha que::...de jeito nenhum::((risos)) (...)

- a) Faça de conta que você é um(a) jornalista de uma revista feminina, que está preparando uma matéria sobre planejamento familiar e que quer inserir este depoimento da entrevistada em sua reportagem. Como você retextualizaria este trecho para escrever a reportagem? Escreva abaixo:
- b) Assinale com um X quais destes procedimentos usou em sua retextualização. Se usou outros ainda, acrescente ao final da questão.

- ( ) Retirei as repetições, hesitações e interrupções.  
 ( ) Coloquei a pontuação.  
 ( ) Retirei palavras porque...  
 ( ) Retirei trechos inteiros porque...  
 ( ) Troquei palavras porque...  
 ( ) Troquei trechos inteiros porque...  
 ( ) Acrescentei palavras porque...  
 ( ) Acrescentei trechos inteiros porque...  
 ( ) Fiz correções gramaticais.  
 ( ) Alterei o conteúdo.  
 ( ) Outros:

## 4 | ORALIDADE E LETRAMENTOS MÚLTIPLOS - MÚTUA CONSTITUIÇÃO

Vistas assim, as relações entre linguagem oral e escrita são bastante complexas, nas sociedades letradas e urbanas contemporâneas e dependem muito dos gêneros de texto em que se configuram os textos que estamos ouvindo/falando ou lendo/escrevendo.

Com o desenvolvimento das novas mídias e tecnologias, os gêneros se transformaram em entidades *multimodais*, isto é, utilizam-se de diversas modalidades de linguagem – fala, escrita, imagens (estáticas e em movimento), grafismos, gestos e movimentos corporais – de maneira integrada e em diálogo entre si, para compor os textos. Basta ver uma propaganda televisiva ou um videoclipe na internet, para constatar este fenômeno.

Mesmo nas mídias impressas, como revistas, livros e jornais, podemos constatar esta multimodalidade. Basta abrir o livro didático ou uma revista para jovens para ver que as diversas modalidades de linguagem, hoje, constituem mutuamente os sentidos do texto.



Também nas aulas, as imagens e textos escritos dos livros didáticos e a fala do professor e dos alunos é que vão constituir o objeto a ser aprendido e o processo de aprendizagem. Retomando um exemplo já explorado em outro Caderno desta coleção (“Desenvolvimento e apropriação da linguagem pela criança”), vejamos, no Exemplo 9, um trecho de aula de Ciências numa turma de 3ª série de escola da rede pública estadual de São Paulo:

### EXEMPLO 9

- T1. Pr.: Tá, então, olhando aí no livro. A imagem de solo primeira é qual? Solo arenoso, o que tem bastante no solo arenoso?
- T2. Als.: Areia!
- T3. Pr.: Areia. Só que com o nome de ar?...
- T4. Als.: [gila.
- T5. Pr.: É um solo bom pra plantio?
- T6. Als.: Não!
- T7. Pr.: Se eu plantar vai nascer de tudo?
- T8. Als.: Não!
- T9. Pr.: Como é esse tipo de solo? Ele é...
- T10. Al.: Seco.
- T11. Pr.: Seco. Ele é seco. E, outra coisa, vamos ver, testando// eu tenho nessa garrafa (*mostra uma garrafa*)// Isso é um copinho de plástico, algodão e areia/ então/ nós vamos jogar água pra ver o que que acontece nesse tipo de solo.// Vocês vão me dizer o que, o que acontece? (*pega uma garrafa com água e começa a pôr água*) Eu tô jogando a água, certo?
- T12. Als.: Certo.  
(*Pr. levanta a garrafa cortada com a areia e o copinho embaixo mostrando aos alunos*)
- T13. Als.: Ela desce, a água desce muito rápido.
- T14. Pr.: Muito rápido. Deixa a água passar com facili...
- T15. Als.: [dade.
- T16. Pr.: Então/ eu digo que esse solo é per...
- T17. Als.: [meável.
- T18. Pr.: Permeável, porque deixa...
- T19. Als.: [a água passar com facilidade.
- T20. Al.: Como se não tivesse nada...
- T21. Pr.: Justamente! Ó lá! Já desceu! (*levanta a garrafa mostrando o copo cheio de água*) Tá, ó! // Que tipo de solo é esse?
- T22. Als.: Arenoso.
- T23. Pr.: Arenoso, perme?...
- T24. Als.: [permeável.
- T25. Pr.: Deixa a?...
- T26. Als.: [a água passar com facilidade.
- T27. Pr.: Isso!// Alguma dúvida quanto a isso?

O Caderno “*Desenvolvimento e apropriação da linguagem pela criança*”, faz uma discussão mais detalhada desta aula.

No Exemplo 9, interagem para constituir o sentido do que está sendo aprendido (tipos de solo), as ilustrações do livro didático e as falas do(a) professor(a) e dos alunos que, muitas vezes, retomam o texto escrito do livro: *O solo arenoso, composto principalmente de areia, não é um solo bom para o plantio, por ser seco e permeável, deixando a água passar com facilidade.*

Um enfoque interessante e dinâmico dessas relações complexas entre escritos e textos orais talvez possa tomar como base as noções de *sistema de gêneros* como parte de um *sistema de atividades* propostas por Bazerman (2005, p.32-33).

Para Bazerman (2005, p. 34), levar em consideração o *sistema de atividades* junto com o *sistema de gêneros* é focalizar o que as pessoas fazem e como os textos ajudam as pessoas a fazê-lo, em vez de focalizar os textos como fins em si mesmos.

O autor, tematizando as relações entre textos em gêneros diversos, orais e escritos, em atividades de sala de aula, afirma que:

*Um sistema de gêneros compreende os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de uma forma organizada e também as relações padronizadas que se estabelecem na produção, circulação e uso desses documentos. Um sistema de gêneros captura as seqüências regulares com que um gênero segue um outro gênero, dentro de um fluxo comunicativo típico de um grupo de pessoas* (BAZERMAN, 2005, p.32).

Por exemplo, a aula parcialmente transcrita no Exemplo 9 inicia seu sistema de atividades com a leitura, feita em casa pelo(a) professor(a) e pelos alunos, do texto escrito multimodal do gênero livro didático, que apresenta verbetes escritos ilustrados por infográficos (imagens gráficas com legendas escritas) sobre os tipos de solo, tema da aula. Assim, pelo menos 4 gêneros escritos/gráficos concorrem para esta primeira atividade – o livro didático e, nele, os verbetes, infográficos e legendas. Em seguida, há a aula, onde alunos e professores “conversam” sobre esses textos lidos (atividade oral) e exemplos práticos são dados. Depois dela, os alunos respondem por escrito no caderno o questionário sobre tipos de solo do livro didático, de maneira a se avaliar a aprendizagem, novamente escrevendo, em geral, verbetes em suas respostas.

## ATIVIDADE 5

- 1** Vamos pensar como entram a linguagem oral, os escritos e as imagens em dois gêneros muito comuns na vida contemporânea: a notícia televisiva e os seminários escolares.
- a)** Notícia televisiva: Complete a tabela com os gêneros escritos, orais e em outras linguagens que a compõem:

Atividades	Gêneros	Modalidade
O editor pauta a notícia a ser dada		
O repórter sai em busca da notícia e entrevista o protagonista		
O câmeraman filma a entrevista		
O repórter escreve a notícia para ser lida pelo âncora		
A equipe transcreve a notícia no teleprompter		
Na hora do telejornal, a ilha de edição alterna a leitura da notícia pelo âncora e ???		
As imagens gravadas da entrevista		

- b)** Seminário escolar: Componha você as atividades, gêneros e modalidades de linguagem que compõem o sistema de atividades e de gêneros da elaboração de um seminário de Ciências, sobre mamíferos, bem sucedido.

Atividades	Gêneros	Modalidade
Os alunos pesquisam sobre o tema em livros didáticos, enciclopédias e outros livros da Biblioteca		

Encarar as relações entre escritos, falas e outras linguagens de forma dinâmica e mutuamente relacionada pode nos levar a preparar os alunos, em nossas aulas, de maneira mais adequada para as práticas de leitura, escrita e oralidade dos letramentos múltiplos e multimodais, tão relevantes hoje para o exercício da cidadania e para as práticas culturais no mundo contemporâneo.

## ATIVIDADE 6

---

- ➊ Pense em duas atividades de sala de aula que possam trabalhar estas relações entre diferentes modalidades de linguagem, em leitura ou produção. Faça uma síntese de cada uma das propostas abaixo:
  - a) Proposta 1:
  - b) Proposta 2:
- ➋ Discussão coletiva de avaliação do Módulo.

## U | APÊNDICE

### RESPOSTAS ÀS QUESTÕES FORMULADAS NAS ATIVIDADES

#### ATIVIDADE 1

---

1. Resposta pessoal.
2. Resposta pessoal.
3. Resposta pessoal.

#### ATIVIDADE 2

---

##### Questão 1

- a) O sistema é o Kanji, sistema ideográfico japonês, que combina dois ou mais ideogramas para significar uma nova idéia: *karatê* = mão no vazio do céu;
- b) Sistema alfabético. Trata-se do alfabeto cirílico, utilizado pelos russos. Os sinais representam sons da língua.
- c) Sistema ideográfico – pictogramas africanos para *pessoa humana*, do povo bambara.
- d) Sistema ideográfico – sinais de trânsito com ideogramas representando idéias abstratas – estreitamento de pista e mão dupla (direção).
- e) Sistema alfabético. Trata-se de escritas em alfabeto latino, onde os sinais representam sons da língua.
- f) Sistema ideográfico – sinal de trânsito com pictograma representando pista escorregadia.

**Questão 2**

Os internautas, por razão de economia de digitação (acentuação, por exemplo), de espaço e de tempo, estão selecionando novas representações ortográficas para o Português do Brasil. Se é possível ter duas representações para a mesma língua – a da ortografia padrão e a do “internetês” – é porque se trata de *representação* e não de *transcrição* da fala. Além disso, pode-se perceber também que a mensagem mistura o silábico (*KDO, VC*), o alfabético (*NAUM, XOCOLATE*), o ideográfico (+) e o pictográfico (☺).

**ATIVIDADE 3**

---

**Questão 2**

Agora, assinale as alternativas que julgar corretas:

- Este texto é oral.
- Este texto é escrito.
- Este texto é escrito, mas tem fortes marcas de oralidade.
- Este texto é escrito num estilo por vezes formal, por vezes informal.
- Este texto é fragmentário, desorganizado e com falhas de coerência e coesão.
- Este texto é bastante adequado a seu contexto.
- Este texto apresenta erros de português e de ortografia.
- Este texto está escrito em português padrão, embora, por vezes, em estilo informal e cotidiano.
- Este texto apresenta uma única modalidade de linguagem.
- Este texto apresenta mais de uma modalidade de linguagem.

**Questão 3**

- a) O que é ser bom ou ser justo.
- b) O Carnaval, a violência urbana, a inauguração de seu novo escritório, sua nova sócia.
- c) Quando “Galo” trata do tema do Fórum, adota um estilo formal e quando trata dos outros temas, mais pessoais, adota um estilo mais informal. São características do estilo formal adotado: o infinitivo flexionado (entendo serem), o deslocamento do sujeito (serem conceitos), a intensificação (extremamente subjetivos), a escolha do vocabulário (me abstenho). São marcas do estilo mais informal: interjeições (eu, hein!), bordões populares (mexer em vespertino, sombra e água fresca, paz e amor, reunião de fofoqueira na calçada), formas de ortografia que transcrevem o oral (tô), emoticons (☺).

- d) O estilo informal, pois, em geral, estamos interagindo com pessoas conhecidas, ainda que só virtualmente, sobre temas pessoais e cotidianos, em contextos relaxados, onde normalmente usamos registros pouco formais da língua.

#### ATIVIDADE 4

##### Questão 1

Gênero textual/Atividade	Meio de produção		Concepção discursiva		Domínio
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Aula no ensino superior	x			x	6
Depoimento na polícia		x	x		2
Resenha de livro publicado		x		x	
Apresentação empresarial	x			x	4
Ata de reunião		x	x		5
Letra de canção cantada	x		x		1
Ditado do professor nas séries iniciais	x			x	3

##### Questão 2

- a) Resposta pessoal.  
b) Resposta pessoal.

## ATIVIDADE 5

## Questão 1 - a

Atividades	Gêneros	Modalidade
O editor pauta a notícia a ser dada	Pauta	Escrita
O repórter sai em busca da notícia e entrevista o protagonista	Entrevista jornalística	Oral
O câmeraman filma a entrevista	Filme	Imagem em movimento / Oral
O repórter escreve a notícia para ser lida pelo âncora	Notícia	Escrita
A equipe transcreve a notícia no teleprompter	Notícia	Escrita
Na hora do telejornal, a ilha de edição alterna a leitura da notícia pelo âncora e ???	Notícia	Oral
As imagens gravadas da entrevista	Filme Entrevista	Imagem em movimento / Oral

**Questão 1 - b**

Atividades	Gêneros	Modalidade
Os alunos pesquisam sobre o tema em livros didáticos, enciclopédias e outros livros da Biblioteca	Verbetes Livros didáticos Enciclopédias Outros gêneros variados	Escrita
Os alunos anotam o conteúdo mais importante	Esquemas Resumo	Escrita
Os alunos elaboram um mural com as imagens dos animais, definições e esquemas para afixar na lousa	Esquemas Verbetes Definições Ilustrações, fotos ou infográficos	Imagem estática Escrita
Os alunos preparam um esquema-guia com os tópicos da exposição	Esquema ou Apresentação <i>Powerpoint</i>	Escrita
Os alunos fazem o seminário, com apoio do mural e do esquema-guia	Seminário	Oral Escrita Imagem estática

**ATIVIDADE 6****Questão 1**

- a) Proposta 1: Resposta pessoal.
- b) Proposta 2: Resposta pessoal.

**Questão 2**

Discussão coletiva de avaliação do Módulo.

## U | REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. (1952-53/1979). Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_ (1979). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

BARTHES, R. Da palavra à escrita. In: \_\_\_\_\_. *O Grão da Voz*. Lisboa: Edições 70, 1981. p.9-13.

BARTHES, R.; MARTY, E. Oral/Escrito. In: Enciclopédia Einaudi. *Oral/Escrito; Argumentação*. Portugal: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1987. v. 11. p.32-57.

BAZERMAN, Ch. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: Como os textos organizam atividades e pessoas. In: BAZERMAN, Ch. (2005). *Gêneros textuais: tipificação e interação*. Tradução e organização de A. P. Dionísio e J. C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez Ed, 2005. p.19-46.

Bibliothèque Nationale de France. L'aventure des écritures. Dossier. Disponível em: <<http://classes.bnf.fr/dossiecr/>>. Acesso em: 11 mar. 2006.

Bibliothèque Nationale de France. L'aventure des écritures: Naissances, sous la direction d'Anne Zali et d'Annie Berthier, 1997.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p.135-166. (Coleção Idéias sobre Linguagem).

FERREIRO, E. *Alfabetização em Processo*. São Paulo: Cortez, 1986.

- GOODY, J. *Domesticação do Pensamento Selvagem*. Lisboa: Editorial Presença, 1977-1988.
- JEAN, Georges. *L'écriture mémoire des hommes*. Découvertes Gallimard Archéologie, 1987.
- KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.
- LAHIRE, B. *Culture écrite et inégalités scolaires: sociologie de "l'échec scolaire" à l'école primaire*. Lion: PUL, 1993.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 23-50. (Coleção Idéias sobre Linguagem).
- OLSON, D. R. From utterance to text. The bias of language in speech and writing. *Harvard Educational Review*, 47 (3): 258-281, august 1977.
- ONG, W. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. São Paulo: Papyrus Editora, 1982-1998.
- ROJO, R. H. R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 51-76. (Coleção Idéias sobre Linguagem).
- ROJO, R. H. R.; SCHNEUWLY, B. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. *Linguagem em (Dis)Curso*, 6. Santa Catarina: UNISUL. No prelo.
- SCHNEUWLY, B. *Entrevista com Bernard Schneuwly*. São Paulo: PUC-SP, set. 1997. Entrevista concedida a Roxane Rojo. Inédito.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. Original francês.
- SCHNEUWLY, B. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 129-147. Original francês.

SCHNEUWLY, B. Gêneros orais e escritos na escola. Conferência proferida no Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, em 20 out. 2005. Campinas: IEL/UNICAMP, 2005. Mimeografado.

SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. (Coleção Idéias sobre Linguagem).

SIGNORINI, I. Construindo com a escrita “outras cenas de fala”. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 97-134. (Coleção Idéias sobre Linguagem).

SCRIBNER, S.; COLE, M. *The Psychology of Literacy*. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

SCRIBNER, S. *Mind and social practice*. Selected writings. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

VYGOTSKY, L. S. (1934). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S. (1935). A pré-história da linguagem escrita. In: COLE, M. *et al.* (Orgs.). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. p.59-65.